



## Desescrevendo a língua do Antropoceno

Ana Cláudia Magnani Delle Piagge [Ana Magnani]

Canção óbvia



Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti.

Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isto, enquanto te espero  
trabalharei os campos e conversarei com os homens.

Suarei meu corpo, que o sol queimará, minhas mãos ficarão calejadas, meus pés  
aprenderão o mistério dos caminhos, meus ouvidos ouvirão mais, meus olhos verão o  
que antes não viam, enquanto esperarei por ti.

Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de quefazer.

Desconfiarei daqueles que virão dizer-me, em voz baixa e precavidos:

É perigoso agir

É perigoso falar

É perigoso andar

É perigoso, esperar, na forma em que esperas, porque esses recusam a alegria de tua  
chegada.

Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me, com palavras fáceis, que já chegaste,  
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciam.

Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se  
abrirá na primavera.

Paulo<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Freire, Paulo. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: Unesp, 2000.

Araraquara, 29 de janeiro de 2025

Querida amiga, a quanto tempo não nos falamos. Como tem estado?

Escrevo essa carta, já ansiando por sua resposta.

Sempre estamos em tempo de espera, não é mesmo? Espera pela chegada, espera pela resposta, espera pelo próximo salário, o próximo momento, o próximo, ... sem presentificar. Sobrevivendo em um estado de existência ambígua, que não permite o tempo necessário ao enraizamento no momento vivido, a continuidade e o estabelecimento de relações para além das humanas. Em Khrónos<sup>2</sup> não temos tempo para desenvolver as práticas pensantes<sup>3</sup> necessárias a um fazer que seja responsável e coletivo. Um fazer que acontece no presente.

Pensando nessa incapacidade de presentificar as nossas práticas e o tempo necessário a esse fazer, lembrei-me de que, em sua última carta, escreveu sobre como a palavra “*Chuthuluceno*”, criada por Donna Haraway (2023, p. 10) para designar “um tipo de lugar-tempo para aprender a ficar com o problema de viver e morrer com responsabilidade<sup>4</sup> em uma terra degradada” tinha remexido em você. Chuthuluceno que, segundo Haraway (2023), convida para os encontros criativos e de construções coletivas, nos quais é necessário deixar ir o eu para fazer-nos com outros, em um jogo de linhas que se encontram, se entrelaçam, formam nós.

Formar nós é permitir-nos ficar com o problema que se apresenta, não de uma forma individual e racional, mas através da possibilidade de abertura para os encontros com outros, com as fabulações e com a criação de humus - compostos que alimentam os pensamentos e tornam o solo propício as novas ideias - tão necessários para lidar com as complexidades do mundo.

Noto, através da sua carta, que você começa a humusificar, compondo listas a partir desse chamado, porém você escreve sentir as limitações por se encontrar sozinha, lidando com processos complexos e delicados. Assim escolho puxar o meu fio e me colocar em percurso ao seu lado, para brincarmos, narrar histórias e produzimos acerca dessa proposta de Haraway.

Devo te confessar que me sinto tateando à deriva a procura de um rumo.

Comadre, retomei a leitura de ‘*Ficar com o problema: fazer parentes no Chuthuluceno*’ para estar com você e quero te contar que algumas ideias me aconteceram. Em um primeiro

---

<sup>2</sup> Khrónos é o tempo cronológico que está associado a um movimento linear e sequencial das coisas.

<sup>3</sup> Para Haraway (2023), thinking practices (práticas pensantes) está sempre relacionado a habilidade de se relacionar (response-abilities), tornando-se responsável por essas práticas.

<sup>4</sup> Donna Haraway (2023), vai pensar response-abilities como sendo o estabelecimento de relação entre coletividade e habilidade de respostas visando um fazer que seja coletivo.

momento foquei na sua proposta de fazer listas para pensar com Haraway (2023) – coisa que devo dizer, me agrada muito – e na sua insatisfação diante delas. Aqui também comecei a produzir listas e me senti igualmente inquieta. Faltava algo. Voltei a ler a proposta da pesquisadora e devo te dizer que noto algo que tinha me escapado anteriormente e, talvez, também a você: ela não fala para tentarmos seguir a cada fio de forma separada, de modo organizado, com um olhar cartesiano; mas, ao contrário, propõe observar os fios embolados, interagindo com ele. Permanecendo com ele.

Permanecer com o problema, nos diz Haraway (2023), não nos compromete com uma busca por resultados, mas com a simples interação com o nó, observando as conexões possíveis e quais os possíveis vínculos criativos que se apresentam a partir da nossa intervenção.

Volto a observar as listas que produzi e constato a dificuldade em encontrar palavras que digam sobre o que estamos procurando exprimir; reconheço essa dificuldade com as línguas que utilizamos como um dos nós do nosso problema e decido ficar com ele. Nas próximas linhas vou tecer um percurso buscando brincar e narrar com esse nosso problema e ver para onde ele nos leva.

30 de janeiro de 2025

Querida companheira, estou a pensar sobre o nó da linguagem. É possível que a linguagem tenha sido enozada através de um projeto que visa fortalecer um sistema-mundo? Retorno a Haraway (2023) buscando pistas para observar esse nó.

Vivemos um lugar-tempo desafiante que impõem uma nova-ancestral justiça multiespécies, no qual se faz necessário descartar a frase “fim de mundo” – tipo *game over* - para fazer brotar em seu lugar uma relação comunal de “colaborações e composições inesperadas, em amontoados quentes de composto” (Haraway, 2023, p. 14).

Precisamos criar humus!

Criar humus é o que temos buscado através do encontro com um pensamento coletivo: encontrando espaços de refúgio por entre as palavras e os silêncios, pensando por meio de imagens e sementes, nos abrindo aos ruídos e as difrações. Nossas conversas se aquecem e buscam por pontos de fragmentações e fissuras pelos quais possamos florescer novas ideias e, quem sabe, novas palavras.

Desejo te contar que, hoje, acordei com a cabeça repleta de pensamentos complicados, complexos, acerca das palavras. Minha mãe diria que acordei com caraminholas na cabeça, rs. Talvez seja isso mesmo. Pequenos caramujos com molas no pé que saltitam de um lado pro outro, acordando meus pensamentos - era isso que imaginava quando era criança e minha mãe dizia essa palavra.

Devaneios a parte, acredito que os pensamentos mais complicados, ou as caraminholas - como os costume nomear desde criança - são aqueles que nos colocam grandes desafios, que nos causam desconforto e nos oferecem oportunidade de experimentações com eles.

São esses pensamentos complexos que nos fazem questionar o modo como operamos no mundo, principalmente em um modelo político-econômico que nos alinha a exploração e ao consumo do outro.

Exploração e consumo do outro que se propaga através do Colonialismo<sup>5</sup>, que ainda hoje regula as nossas práticas.

Querida companheira de pensar, espero não estar te aborrecendo nesse momento, mas tenho sentido dificuldade em falar com algumas pessoas próximas acerca disso. Elas parecem não me compreender e querem que eu logo posicione as minhas ideias, mas não é isso que busco. Dona Haraway (2023, p.09) nos inspira a pensar que a “nossa tarefa é criar problemas, suscitar respostas potentes a eventos devastadores, e também acalmar águas turbulentas e reconstruir lugares tranquilos”.

É isso que tenho sentido desejo de explorar com esse nosso problema. Não busco polarizar, tão pouco assegurar respostas para essa reflexão. Gostaria, tão somente de lapidar o pensamento e sei que você é uma boa companhia para isso.

Note! As palavras e as linguagens - que utilizamos nas escrituras que realizamos - já carregam em si certos padrões pré-estabelecidos, não oferecendo espaço para o inacabamento, para perturbar águas paradas, para “formar parentescos em linhas de conexão inventivas como uma prática para aprender a viver e morrer bem uns com os outros em um presente espesso” (Haraway, 2023, p.09).

Vou tentar explicar melhor.

Partimos da compreensão de que durante o processo da colonização, imposto por um modelo de mundo imperialista, para além de subjugar e massacrar povos inteiros, também foram aniquilados os seus legados e visões de mundo, incluindo as suas linguagens. Mesmo quando as palavras utilizadas por esses povos verdadeiros eram assimiladas pela nova cultura dominante, elas sofriam uma mutação para se adaptarem ao novo contexto político-econômico. Elas perdiam sua pureza original e começavam a carregar as marcas de um outro modo de mundo, muito mais individualista e baseado no capital.

A maioria das línguas que usamos hoje – mesmo quando estamos buscando decolonizar - foram as responsáveis pela aniquilação de muitas outras línguas. Por causa dessa ação realizada durante o período do imperialismo, e de seu projeto de mundo, a colonização, é que precisamos

---

<sup>5</sup> Enquanto experiência histórica, o Colonialismo, engendrou lógicas internas de funcionamento de seu poder, baseado numa relação Império x Colônia. As práticas de controle e de administração política, econômica e cultural que perduram para além de seu período histórico.

encontrar outras formas de pensar palavras que digam sobre imaginários multiespécies como muitos desses povos que tiveram suas línguas invisibilizadas faziam, dizendo de um comum, com uma linguagem que incluía a todos os seres que vivem na Terra.

Dona Haraway (2023, p. 09), tem dialogado conosco acerca dessas questões. Formar parentescos, possibilidades de ressurgimentos de línguas “capazes de responder, conjuntamente e em toda a nossa abundância espevitada de tipos”.

Comadre, te escrevo essas linhas com o desejo de te relatar como estou me sentido esquisita por esses dias, não com o intuito de explicar meus sentimentos, tão pouco me posicionar quanto ao modo como tenho encarado a experiência com a escrita, mas abrindo a possibilidade de acordar a escuta afim de alargar as nossas experiências sensíveis com ela.

Quero te revelar que esse estado de desassossego que estou vivenciando faz com que aconteça em mim algumas reflexões que as palavras, ou melhor, as linguagens que utilizamos para nomeá-las estão se mostrando incapazes, por estarem empobrecidas e gastas. Sinto a necessidade de realizar novas provocações entre acontecimentos e ideias, escovar as palavras, colocar as palavras em movimento, fígar velhas palavras, encontrar novas palavras, sacudir a areia do tempo para encontrar novos-antigos caminhos.

Precisamos abandonar a coisidade para com as palavras para encontrar-nos verdadeiramente com elas. Precisamos acordar o corpo sensível para o encontro, pois percebo que as palavras têm corpo e foi essa corporização nas palavras que possibilitou que elas sofressem mutações com o tempo. Percebo que buscar escutar seus ecos originais passa por um movimento de escavação e revitalização e, para isso, é preciso tornar menos apertado o tempo para as reflexões com elas. É preciso “um tipo de lugar-tempo para aprender a ficar com o problema [...] um tempo em prol da continuidade e do frescor [onde] nada deve remeter a passados, presentes e futuros convencionais” (Haraway, 2023, p. 10). Um lugar-tempo denso, que proporcione a possibilidade “do cultivo daquilo que ainda pode vir a ser” (Ibid.).

Carecemos, urgentemente, compor escritas que possam ter a força de nos fazer esquecer e nunca esquecer, a maleabilidade de aprender e desaprender simultaneamente, realizar escritas legíveis e ilegíveis, com significado e não, sem e com sentido, trazendo a própria vida, as marcas que nos atravessam, buscando, a todo tempo, estar-sendo palavras.

Mas as línguas que tenho visitado têm se mostrado cansadas, sujas, sobrecarregadas e as composições possíveis com elas tem sido tão monótonas.

31 de janeiro de 2025

Querida companheira de reflexões, ando repleta de vazios. E sinto que não preciso preencher esses vazios com palavras, mas sinto o desejo por erguer muros com palavras para lhes dar sustentação. Não sei.

Vou tentar exemplificar.

Não quero preencher o vazio da falta corpórea de mamãe com palavras, quero somente senti-la. Para isso busco erguer um muro com uma escrita que diga sobre como tenho me sentido oscilando entre o “luto” por minha mãe; por uma quantidade enorme de coisas que não tenho poder para mudar e a “luta” por tudo o que acredito; que agora mamãe ancestralizou e passa a compor com a vida; por todas as pequenas coisas que posso fazer em meu dia a dia para tornar o mundo um lugar melhor para viver.

Pensando sobre essa demanda compreendo que os problemas do cotidiano também fazem parte do corpo das palavras que utilizamos pois nada vem sem o seu mundo. E penso que, talvez, esse seja o caminho a tomarmos, alimentar as palavras com vazios para que elas possam voltar a dizer das coisas que nos atravessam.

Pois é assim que gostaria de fazer com a palavra “luto”, para que ela viesse até mim vazia, oferecendo a possibilidade de lhe dar um corpo significativo, que não mais roubasse os meus mortos. “Isso é *formar o vazio*. Formar um corpo em torno do vazio. Não para preenchê-lo, mas para torná-lo significativo” (Martin, 1986, p. 34).

Diga-me amiga, o que pensa disso?

Essa noite sonhei com mamãe, faz 15 dias. Mamãe, foi a minha primeira palavra sussurrada ao acordar. Levantei-me e fui preparar um chá para animar os pensamentos.

Mamãe era expressiva sabe, um tanto teimosa. Ela gostava muito de ler e de prostrar. Ela me contava muitas Hhistórias<sup>6</sup>. Ela cultivou em mim a escrita e me ensinou a testá-la, a deixar que ela me surpreenda. A provocar as palavras e é isso que tenho feito, percebe?

Gostaria de ter lhe entregado muitas coisas para ela usar quando chegar ao seu novo lugar, principalmente um recorte de linho e de renda para ela fazer um vestido bonito e cadernos, canetas para a escrita, mas não fiz. E ainda não encontro palavras que digam sobre como me sinto.

Sabe comadre, tenho falado a ela para seguir em frente, não se preocupar, que continuarei a fazer o que ela me ensinou. Sei que ela estará bem no lugar para onde vai.

Com Gloria Anzaldúa (2000, p.234) posso dizer que tudo que vivi e aprendi com ela agora faz parte de mim, está inscrito nas minhas “vísceras e nos tecidos vivos”, alimentando a minha caneta.

---

<sup>6</sup> Hhistórias, nesse trabalho, será sempre grafado com o “H” maiúsculo e “h” minúsculo por compreendermos com a cacica Katia Akrântikatêgê (2022, não paginado), de Marabá, no Pará, que [...] a nossa Hhistória, a história com “H” maiúsculo e minúsculo, é a Hhistória da realidade do que vivemos”.

Tenho pensado que, se não incluimos essas pequenas ações do nosso cotidiano em nossas línguas, as tornamos empobrecidas de sentidos. A morte da minha mãe não foi um fim para mim, um período de tristeza e dor, como o legado imperial-cristão faz pesar sobre ela, mas um período de vestígios e lembranças, de celebrar com ela sua ancestralização, de entender que agora ela está vinculada as minhas memórias e da minha família, nos oferecendo sustento para respirar e caminhar por um mundo em ruínas. Pois aprendi com os povos pretos que,

Ancestralidade não pode ser definida apenas como uma árvore genealógica, está muito além disso, ela percorre a linha sanguínea do tempo e firma-se na existência. Ela é uma forma respeitosa de honrar e (re)lembrar dos nossos antepassados (Ribeiro, 2020).

Assim escolhi honrá-la, mas não é isso que importa a esse texto que agora escrevo. Quero pensar com você, minha querida amiga, sobre as línguas que temos para nos expressar e de como, muitas delas, expressam uma racionalidade, que torna impossível o ato de encantar o mundo com a palavra.

Vinciane Despret (2023) irá nos provocar a pensar nas práticas de encantamento e desencantamento de mundos e como elas se tornam possíveis através das nossas palavras.

Escolhi encantá-la, honrando-a desse modo a palavra a ser utilizada para dizer sobre isso não pode ser “luto”, pois que não é fechamento, mas a abertura para o novo. Então devo pensar em dizer que estou em um período de expectativa talvez, pela nova vida dela e pela minha com ela vestida com outro corpo. Não sei.

Olho para o significado da palavra “luto” e me deparo com as palavras: tristeza, mágoa, desgosto, negação, raiva e nenhuma dessas palavras é capaz de expressar o meu período de silêncio e carinho para com a minha mãe. A palavra “luto”, dentro de uma concepção colonial-cristã expressa a dor de uma perda, de uma separação, trazendo em si a marca da tristeza, que irá ser representada por períodos de negação, raiva, barganha, depressão, até chegar à aceitação. E não é isso que desejo, tão pouco expresso.

Buscando por algo que emerja dos meus pensamentos entro em um estado vertiginoso de errância e começo a anotar palavras que digam sobretudo e não digam nada, pois procuro por desvios nesse caminho.

expectativa

ancestralização

recomeço

abertura

desconhecido

desejo

Procuro por uma palavra que abra uma fresta por onde eu possa passar.

estado de presença

corpo

reverberação

além

aparência

tempo

Só sei que quero honrá-la e para isso preciso liberar o tempo do tempo.

Entro em um estado de abismo...

Deixo meus pensamentos abertos e sondo as possibilidades para encontrar novas palavras ou quem sabe, fazer emergir os saberes ancestrais que as habitam, pois talvez tenhamos que fazer emergir um comum, tão incomum hoje em dia, como um estado de compor-com.

Em nossa última conversa refletimos como algumas palavras têm se tornado sem importância e egocêntricas, dizendo somente de si e do mundo em que vivem. Palavras apequenadas, desprovidas de todas as possibilidades que a simpoiesis<sup>7</sup> oferece.

Naquele dia chuvoso, enquanto bebíamos o chá lemos juntas Donna Haraway (2023), lembra-se? E com ela compreendemos que simpoiesis é o modo como a linguagem, e todas as outras ações, se fazem-com o outro, mutuamente, nunca sozinhos, desdobrando-se e expandindo-se através de uma rede de conexões.

De acordo com a ideia de simpoiesis, podemos pensar que a linguagem acontece na “intimidade entre estranhos”, uma formulação que propôs para descrever as práticas mais fundamentais de devir-com recíproco entre bichos em todos os nós de intra-ação da história da Terra” (Haraway, 2023, p. 121).

Desse modo, a palavra “luto” que é usada para enunciar o período em que estou vivendo, quando atravessada por uma visão imperial-cristã de mundo especifica um tempo individual de sofrimento e falta, marcado por incertezas de uma possível punição desse ente com a finitude da vida terrena. Para que isso não ocorra, é necessário realizar inúmeros rituais de purificação, mandar celebrar missas, cultos, como pedidos de clemência a um ente superior. Todos esses ensinamentos que me foram incutidos, desde muito cedo, fizeram com que eu temesse a morte, que não quisesse pensar, tão pouco falar com ela.

A sociedade moderna é doente de distância, desse abismo que ela laboriosamente cavou entre ela e tudo aquilo que ameaça sua integridade, esses grandes “outros” aterradores porque incontroláveis, entre os quais encontram-se, na linha de frente, as seguintes abstrações: a natureza, os primitivos e a morte (Martin, 1986, p. 34).

---

<sup>7</sup> Simpoiesis, conceito desenvolvido por Donna Haraway (2023), no qual a bióloga e filósofa irá pensar as ações como criativas e sempre colaborativas entre diversos atores.



Vinciane Despret (2023, p. 13) me ajudou a entender que a morte pode vir a ser um período de encantamento ou desencantamento, dependendo do lugar do qual parte o saber que a irá questionar.

Além disso, podemos observar que esses debates apresentam, frequentemente, a mesma característica: aqueles que são convidados ocupam dois extremos de uma polarização entre aquilo que chamamos de práticas de encantamento [...] e práticas de desencantamento marcadas pela hipótese materialista assumida no debate. A coexistência de versões contraditórias se inscreve no nosso meio sob o signo da polêmica (Despret, 2023, p.37).

Tenho buscado não polarizar e estou me dispondo a estar em estado de abertura para conhecer e reconhecer que existem inúmeros saberes. Acolho o encantamento dos saberes dos povos verdadeiros e afrodiaspóricos, sentindo em como posso compor com a morte textos cuidadosos sobre a vida. Penso que o caminho deva se iniciar no dismantelamento de um pensamento ocidental-moderno que entende o mundo a partir dos binarismos. Desse modo, a imagem associada à morte, a partir do mundo moderno, é de estar sempre atrelada a vida, a vida sendo o nascimento, a luz, o bem, o sagrado, a recompensa e a morte, a finitude, as trevas, o mal, o profano, a punição.

Estou pensando, comadre, que, talvez faça sentido escovarmos toda razão imperial-cristã que se acumula sobre a palavra “luto” – e tantas outras - e deixarmos que ela retorne a um período de ações coletivas, de fechamento de um ciclo da vida, de entrelaçamento de ações de beleza e de reverência. Assim, quiçá possamos dizer com ela sobre rituais coletivos de passagem, de ancestralização. Pois compreendo, nesse sentido, que o ritual de passagem da minha mãe tornou-se mais amável pois foi vivido com outros.

A imagem que trago dela não é mais aquela das fotografias que revejo com desejo de reencontrá-la, antes é a sombra de uma vida inteira vivida através das palavras. Esse período está dizendo, mais sobre as palavras que ela disse enquanto lia seus livros sem fim, as palavras que ela escreveu, as palavras que ela não teve coragem de escrever e dizer, as palavras que cantou.

Talvez “palavras” me diga mais sobre esse período que estou vivendo; palavras capturadas pela memória aqui e ali, palavras que contam uma outra história, palavras reencontradas que digam sobre uma vida e uma presença. As palavras esquecidas também deixaram rastros da sua presença.

Guardo memórias de uma jornada de heroína, mas de uma mulher que, com ações diárias, nos manteve vivos e saudáveis, histórias que cabem dentro de uma bolsa<sup>8</sup>. Não preciso tornar minha

---

<sup>8</sup> Referência ao artigo de Ursula K Le Guin, *A ficção como uma cesta: uma teoria*.

mãe agora numa maldita heroína que passa a vida lutando e suando para realizar grandes feitos - apesar de ter lembranças nesse sentido.

Eu não estou contando essa história. Nós já a ouvimos, todas nós já ouvimos tudo sobre lanças e espadas, as coisas para bater e perfurar e açoiar, as coisas longas e rígidas, mas ainda não ouvimos falar sobre onde se colocam essas coisas, o recipiente onde as coisas são guardadas. Essa é uma nova história. Isso é novidade (Le Guin, 1989, p. 2).

É sobre a bolsa que mamãe carregava, recheada com palavras que revelam suas pequenas histórias, que a vincula ao mundo e a mim e que quero narrar.

Bolsa que deixa cair por entre a sua trama tecida pequenos rastros, que possibilitam aberturas para a sua presença. Evidências de que as linguagens que escolhemos são situadas, dizem de territórios que se alcançam através dos olhos, mas, também, através da pele e que as línguas podem nos carrega-las para outros lugares, para reconstruí-las, ampliá-las, e se for possível, inventar novas-antigas palavras.

Querida amiga, fecho meus olhos e ainda posso escutar a cantoria das falas de mamãe pelo meu corpo, mas quando tento transcrevê-las com as palavras que tenho disponíveis nesse momento, elas perdem a alma.

Em razão dessas palavras terem sido racionalizadas para servir a um modelo mundo imperialista-colonial, elas perderam toda a sua capacidade para produzir encantamento.

Querida companheira nesse percurso, tenho me arriscado na busca por outras palavras capazes de criar corpo em torno dos meus vazios para que eu possa dizer acerca do sensível, do invisível, do não dizível que me habita nesse momento.

As palavras disponibilizadas por esse sistema-mundo colonial me enquadram, me castram e não possibilitam que eu adentre nesse mistério que tenho buscado desvelar, fazendo com que eu tenha que desdobrar-me para escrever essa carta. Porém afirmo com Anzaldúa (2000, p.51) que essa reflexão que teço agora “me salva da complacência que eu temo”. De sentir tolerância pelas palavras disponíveis e pelo modo como ensinaram a nos relacionar com elas.

01 de fevereiro de 2025

Querida amiga, tudo ainda se encontra muito insipiente em mim e sinto que precisamos nos aprofundar mais na observação desses nós.

Sei o quanto é difícil nos desvincularmos de toda essa porcaria Imperial-Colonial que foi incutida em nós, mas sinto que essa investigação que estou te apresentando está em acontecimento nesse momento.

Sinto que estamos em um nascedouro de um pensamento. E esse nascedouro está instaurado em uma mente situada que busca o diálogo com outras investigadoras, como você amiga.

Devemos ser sensíveis o bastante para acariciar as palavras antes de julgá-las. Devemos senti-las ao toque das mãos e do olhar. Sejamos prudentes, nada feito as pressas. Temos o tempo do sentido ao nosso lado. Aíón, nos oferece o tempo necessário aos acontecimentos incorporais.

Anzaldúa (2000, p. 61) irá nos dizer que,

Muitos têm habilidade com as palavras. Denominam-se visionários, mas não veem. Muitos têm o dom da língua, mas nada para dizer. Não os escutem. Muitos que têm palavras e língua, não têm ouvidos. Não podem ouvir e não saberão. Não há necessidade de que as palavras infestem nossas mentes. Elas germinam na boca aberta de uma criança descalça no meio das massas inquietas. Elas murcham nas torres de marfim e nas salas de aula [...]

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel.

Precisamos colocar nossas línguas no papel nos apropriando da escrita com fogo. O opressor colonial que por tanto tempo ditou nossas práticas pensantes, não pode mais ter esse poder sobre nós.

Escrevamos sobre tudo e sobre nada, no nosso tempo, com uma língua que traga as nossas marcas, que fale do nosso lugar e da nossa ânsia.

Reviremos as línguas para que elas produzam conosco e não contra nós. Sacudamos seus e nossos sentidos. Façamos com que elas retornem as nossas bocas com a força dos que vieram antes de nós.

Reencontremos essa palavra antiga. Tão antiga quanto o tempo, que fala de um comum, de um estar com outros, em um jogo de linhas que se encontram, se entrelaçam e formam nós.

Nós!

Com amor,

Ana

## REFERÊNCIAS

AKRANTIKATÊGÊ, Kátia. DIAS, Andreza Costa. O futuro é ancestral: Como pisar suavemente na Terra. **Amazônia Latitude: a revista das humanidades ambientais**, 2022. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2022/07/30/o-futuro-e-ancestral-como-pisar-suavemente-na-terra/> Acesso em: 16/09/2022.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 02 fev. 2025.

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam**. Trad: Hortencia Lencastre. – São Paulo: n-1 edições; Edições Sesc São Paulo, 2023.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chuthuluceno**. Trad: Ana Luiza Braga. – São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. **A ficção como cesta: uma teoria**. Título original: *The Carrier Bag Theory of Fiction* (1986). In: *Dancing at the Edge of the World – Thoughts on Words, Women, Places* (1989). Ed. Grove Press. Trad: Priscilla Mello. Rev: Ellen Araujo e Marcio Goldman. Disponível em: [https://www.academia.edu/44858388/A\\_Fic%C3%A7%C3%A3o\\_como\\_Cesta\\_Uma\\_Teoria\\_The\\_Carrier\\_Bag\\_Theory\\_of\\_Fiction\\_Ursula\\_K\\_Le\\_Guin](https://www.academia.edu/44858388/A_Fic%C3%A7%C3%A3o_como_Cesta_Uma_Teoria_The_Carrier_Bag_Theory_of_Fiction_Ursula_K_Le_Guin). Acesso em: 15 mar. 2024.

MARTIN, Nastassja. **A leste dos sonhos: respostas even às crises sistêmicas**. Trad: Camila Varga Boldrini. – São Paulo: Editora 34, 2023.

RIBEIRO, Katiússia. O futuro é ancestral. **Le Monde Diplomatique Brasil**, on line. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral/>. Acesso em: 04/02/2024.

### *Autora*

*Ana Cláudia Magnani Delle Piagge*

*Mãe de Rafael, Ricardo, Gabriel e Felipe, Avó de Sarah; Artista-arteira-brincante, Educadora-Pedagoga pela UNESP/FCLAr; Sonhadora em busca constante por outros mundos possíveis para a educação; Mestre em Educação pela UNESP FCLAr; Doutoranda-Pesquisadora, também pela UNESP FCLAr, em constante processo extensionista pela UNESP/FCLAR. Arte-educadora nos saberes populares com a Carroça de Mamulengos. Aprendiz inveterada das crianças que compartilham seus saberes nos encontros programados e, nos outros tantos espontâneos, em diferentes espaços e contextos. Finalizada, mas não encerrada, a pesquisa sobre violências*

*diversas vivenciadas por crianças, dentro e fora da escola e, como essas, influenciam o desenvolvimento escolar. Iniciando o processo de doutoramento para pensar sonhos, diferenças, gêneros e currículos. Em uma atitude metodológica que desconfia das neutralidades, pautada por uma ética feminista e antirracista, une a vida pessoal e a profissional; a teoria, a vivência e a prática; buscando oferecer uma escuta sensível e atenciosa à todes; escrever utilizando diversas linguagens, transitando entre a escrita acadêmica e a escrita poética mas, sempre, em busca de uma escrita e de uma (des)escrita de mulheres; (re)contadora de causos e histórias, das bonecas ancestrais com histórias, da investigação das artes-manuais para realização de escritas legíveis e, outras tantas ilegíveis, que alcancem a mente, o corpo e a alma. Valoriza os saberes e os fazeres, principalmente das crianças; o protagonismo das vozes dos invisíveis e invisibilizados, que relatam fragmentos de suas vivências, para a criação de escritas leves, lúdicas e brincantes capazes de serem acessíveis para além dos lugares acadêmicos. Olha para o mundo com encantamento (apesar de tudo que estamos vivendo e vendo!) e para as pessoas com esperança (apesar de tudo que estamos vendo e ouvindo!). Praticante do verbo esperar e do verbo amar. Gosta das Artes que habitam as ruas, as casas e as escolas; dos livros que podem ser lidos e, dos outros tantos, que podem ser escritos (ou [des]escritos); de transitar pelos becos das memórias e de uma boa prosa com crianças pequenas e com as crescidas. Acredita em um Educação (do) Sensível que busca o alargamento das estreitezas da mente, do coração e da alma; na urgência de uma prática que dissemine a abundância de encantamentos e de sonhos. Em resumo: Vive, ama, escreve e pesquisa com toda a força de seu corpo. Integrante do Grupo de Trabalho do NUPE-FCL-ARARAQUARA-CLADIN-LEAD*

*E-mail: [anaclmagnani@gmail.com](mailto:anaclmagnani@gmail.com)*

*Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2387302997508294>*